

Getulio Alviani

OS PLANOS PARA O MUSEU SOTO

Wilson Coutinho

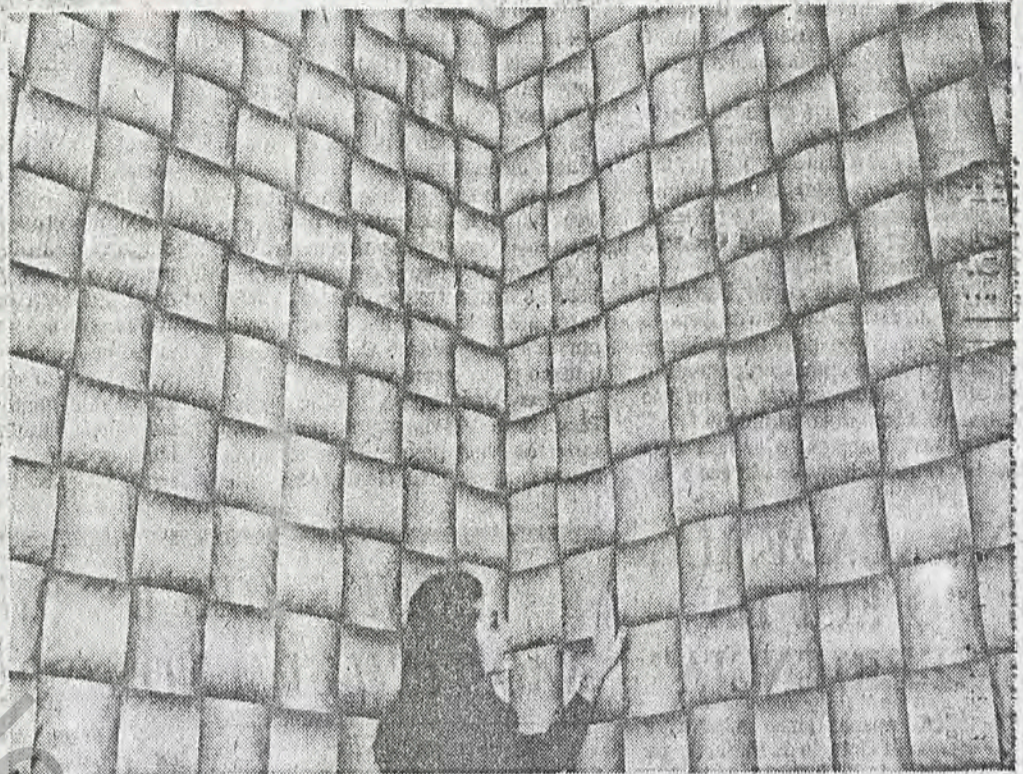
HÓSPEDADE do escultor Sérgio Camargo, durante alguns dias que esteve no Rio, Getulio Alviani, italiano, 41 anos, artista plástico ligado à arte construída é também um conhecido e inquieto animador cultural trabalhando em vários países. De passagem pelo Rio, Getulio Alviani vai ocupar o cargo de diretor internacional do Museu Soto, situado em plena selva venezuelana, em Ciudad Bolívar, a 500 quilômetros de Caracas, um museu ultra-moderno, que além de abrigar as obras de Jesus Rafael Soto, artista venezuelano cinético, guarda também, trabalhos de vários artistas europeus e latino-americanos de tendência construtiva.

Getulio Alviani também administra dois centros culturais na Itália, em Ferrara e em Pordenone, além de ser consultor do Instituto Italiano de Cultura de Viena e das galerias Naviglio em Milão e II Centro em Nápoles. Na sua rápida estada no Brasil, Alviani quase não saiu da confortável chácara de Sérgio Camargo em Jacarepaguá. "Eu amo a natureza — explicou — A natureza foi, para a minha geração, alimento, foi tudo. Era a própria lógica da vida. Na chácara de Sérgio Camargo descobriu uma fruta tropical que o encantou: a jaca. Comeu-a no café da manhã, no almoço e no jantar. Antigo companheiro do escultor brasileiro, que trabalha suas esculturas de mármore na Itália, em Carrara, Getulio Alviani preparará, em janeiro, em Pordenone, uma exposição com o artista. Praticamente, ele não viu o que se passava em termos de artes plásticas aqui, mas mesmo assim, esteve no Espaço ABC, na Lagoa olhando a exposição de Walfélio Caldas

— O é Um — um trabalho experimental, que aparentemente não o agradou muito, mas ficou admirado com o livro escrito sobre a artista — *Aparelhos* — com texto de Ronaldo Brito e editado pelo colecionador de vanguarda, Gilberto Chateaubriand. "Bellissimo. Está de parabéns. É muito difícil um artista jovem como você, ter um livro como esse", disse para o constrangido Caldas.

Getulio Alviani não vê contradição nenhuma entre ser, ao mesmo tempo, artista e animador cultural. "Sou um artista que trabalha com arte há mais de 20 anos. Num certo momento da minha vida optei por uma visão mais coletiva do que individual. Pensei em me dedicar a divulgação da arte cinética, da arte construída, que é uma tendência de arte muito coletiva. Pensei em fazer isso não pessoalmente, mas por meus colegas. Em 1970, percebi que toda essa arte não era conhecida como deveria ser. Então pensei em fazer algo mais público e também por uma espécie de ironia, que era tirar de circulação a má pintura. A primeira idéia foi essa: tirar do espaço de exposições as pinturas ruins, que pareciam grossas capas de chumbo ocupando tudo. Vi que isso não era difícil e poderia fazer um trabalho optando pela forma mais lógica possível, evitando coisas que não possuísem uma clareza objetiva. Procuro fazer meu trabalho sem que haja um caráter anedótico, nem interpenetrado por relações de amizade. O que me interessa é a pesquisa objetiva, dos fenômenos os mais objetivos possíveis da manifestação da arte. Chamo isso constatação e não amostragens críticas.

O trabalho de Alviani como animador cultural é múltiplo e em vários países, utilizando-se de organizações públicas ou privadas na Itália, Suíça, Bélgica, Áustria e agora na Venezuela. Todas essas atividades poderiam levantar o problema de sua presença física em todos esses locais, mas Alviani não considera isso muito importante. "Isso não é necessário. Trabalho em vários locais. O Centro Cultural de Pordenone é um deles. Mas o que é realmente importante é um programa que pode ser aplica-



Animador cultural em vários países e também artista, o italiano Getulio Alviani pretende fazer uma obra objetiva que não necessita da interpretação do espectador

do em vários locais. O espírito do programa é que tem valor e não minha presença física."

O Centro Cultural de Pordenone, uma cidade italiana de 100 mil habitantes, tem uma estreita ligação com a comunidade e não vive

de verbas oferecidas pelo Estado. O centro é autofinanciável através de um esquema, onde a própria comunidade adquire as obras dos artistas que expõem lá. O Estado apenas presta os seus serviços. "Nós empregamos todos os elementos que estão na cidade: os meios de transporte, os trabalhadores, etc, que são "emprestados" pelo Estado quando o solicitamos. Isto permite uma grande integração. Criamos também uma relação absolutamente indispensável para a manutenção do Centro que é a presença obrigatória e constante do público estudantil. O Centro é multidisciplinar. Além da arte, que me ocupo, há um interesse por tudo: da biologia à política, da sexualidade à música, da literatura ao cinema. Quando faço um seminário sobre sociologia, aparecem estudantes de escolas que necessariamente não estudam sociologia. Nós não poderíamos fazer um Centro sem garantir a participação durável dos estudantes. Nas escolas se se tem a obrigatoriedade de ir às 8h para lá, também se tem a obrigatoriedade de visitar o programa do centro. Para isso, basta um arranjo entre a parte administrativa da cidade e a pedagógica. Não é uma coisa complicada."

Suas idéias para o Museu Soto seguem a lógica conceitual definida por Alviani de constatação e não crítica. Ele pretende fazer do museu um grande centro mundial de arte construída, cinética, estrutural e fenomênica. Essa tendência, da qual como artista Alviani participa é considerada, por ele, como uma arte feita para o progresso humano e tecnológico. "Hoje acredito que podemos fazer uma grande diferença entre uma arte alienada ou uma arte individual, de expressão, mais ou menos, da personalidade do artista que se situa como absoluto e uma arte objetiva, que é invenção. Arte de fenômenos verificáveis, de descoberta técnica, otimista, que é contrária a uma arte propriamente literária, muito ambígua e muito interpretativa. O espectador dessa arte objetiva não deve encontrar na obra dificuldades. Ele deve ver. Não deve interpretar. Não é uma arte crítica, de ação. É uma arte positiva, que tem otimismo no futuro." O seu trabalho no Museu

Soto está identificado com esse otimismo. O próprio museu, localizado na selva, construído pelo arquiteto Carlos Raul Villanueva, considerado o maior da Venezuela, morto em 1974, é já uma utopia otimista. Numa região ainda sub-

desenvolvida, varrida por passadas chuvas, o museu abriga uma das tendências mais racionais da arte moderna. É uma aventura modernizante. Soto, numa entrevista, declarava que a construção do museu nascera "de uma vontade pedagógica e da certeza de que frente aos fenômenos universais, as reações de um homem de país chamado subdesenvolvido são idênticas às daquele de país desenvolvido." Alviani também não imagina, pelo fato de que o museu se encontra num país latino-americano, que a arte possa ser pensada dentro de um regionalismo continental.

Para ele, o Museu Soto poderá mostrar tudo da arte construtiva, sem cair nesse dilema geográfico. "Temos a oportunidade única de fazer um trabalho, numa época em que os homens e as obras ainda estão bem vivas, como é o caso de Mansouff, artista russo que foi amigo do construtivista russo Maleyitch. O museu será vivo porque criado no momento histórico que ainda estamos vivendo. Nós podemos fazer todo um exame desse tipo de arte, seja como ela ocorreu na Europa Oriental ou na América do Sul. Encarregar todos os artistas para fazer uma relação detalhada do seu trabalho, colher depoimentos de todas as pessoas que conheceram esses artistas diretamente, encarregar historiadores de arte e críticos para comentar o que aconteceu e recolher no Museu Soto todo esse material, o que dará a possibilidade objetiva de mostrar o verdadeiro sentido da arte feita na Europa Oriental e a da que é feita na América do Sul. Todas essas obras serão postas a nu, classificadas da mesma maneira que se faz uma análise de um tecido para se saber se ele é feito de algodão, de fibra vegetal ou de lã."

É uma maneira positivista de mostrar as obras de arte, mas Getulio Alviani parece impregnado de um grande temor pela ignorância. Ao final da entrevista, ele pede que escreva o seu lema. "Não deixe de colocar isto. Eu não tenho medo de epidemias, de catástrofes, da peste, de guerras. Tenho medo da estupidez humana."